



Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FASA
Monografia de conclusão do Curso de Comunicação Social
Habilitação em Jornalismo

JORNALISMO POLICIAL: IMPARCIALIDADE NA
TRANSMISSÃO DE NOTÍCIAS

Brasília, junho de 2005



Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas – FASA
Monografia de conclusão do Curso de Comunicação Social
Habilitação em Jornalismo

JORNALISMO POLICIAL: IMPARCIALIDADE NA
TRANSMISSÃO DE NOTÍCIAS

Monografia Apresentada ao curso de
Comunicação social/Jornalismo.
Como pré-requisito para obtenção do título de
Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo

Aluno: Danniel Alencar Gomes
Professor orientador: Sérgio Euclides

Brasília, junho de 2005

JORNALISMO POLICIAL: IMPARCIALIDADE NA TRANSMISSÃO DE NOTÍCIAS

BANCA EXAMINADORA

Aprovação: __/__/__

Professor Orientador: Sérgio Euclídes

Professor Convidado:

Professor Convidado:

Menção Final

AGRADECIMENTO

*Ao programa Barra Pesada. Ao 4º e 6º Batalhão de Polícia Militar
e a 4º Delegacia de Polícia.*

Pelo apoio no desenvolvimento deste trabalho.

DEDICATÓRIA

Para

*Meus pais, José Waldir Gomes e Maria Onélia Alencar Gomes,
Minhas irmãs, Dianne Alencar Gomes e Kátia Gonçalves Gomes.*

Pela inspiração, incentivo e amor incondicional.

RESUMO

Este trabalho contém um estudo de caso sobre os crimes que ocorrem na região administrativa do Guará em novembro de 2004 e março e abril de 2005. Além disso, o tema Jornalismo Policial, está sendo abordado sobre a ótica do chamado “bom jornalismo”, onde questões como imparcialidade na transmissão de notícias, objetividade, transparência e investigação são abordados e discutidas de forma clara. Dentro desse contexto, procuro mostrar se um programa policial pode ser ou não imparcial noticiando o trabalho da polícia. Buscamos também opiniões de quem entende desse tipo de assunto, quem trabalha na área policial, dentro do próprio jornalismo e de moradores do Guará.

INTRODUÇÃO

Medo. Esse é o sentimento que nos últimos tempos tem prevalecido entre os moradores do Guará. Porém, esse “medo” não se encaixa na história dessa região administrativa do Distrito Federal. O local sempre foi conhecido por sua tranquilidade e qualidade de vida. Os moradores inclusive, não tinham a menor preocupação com a violência, diziam até que o guará era apenas para se dormir, ou seja, pela manhã grande parte dos moradores saem para trabalhar e no fim do dia as pessoas voltam para seus lares.

Crimes como furto, tráfico de drogas e até mesmo assassinatos deixaram as pessoas com um pé atrás em relação à segurança do local. O que mais assusta é que esses crimes aconteceram de uma hora para outra e todos praticamente em seqüência. A Polícia Militar a qual é responsável pela segurança preventiva do guará tenta coibir e mantém seu trabalho de prevenção ao crime, porém muita coisa ainda há para ser feita em prol da comunidade que se sente insegura tornando-se a maior prejudicada com tudo isso, pois acabam sendo obrigados a viverem trancafiados e presos dentro de suas próprias casa.

Neste trabalho pretendo fazer um estudo de caso onde irei analisar e discutir sobre a questão da imparcialidade de um programa policial, transmitindo o trabalho da polícia no combate ao crime. Citando o programa policial Barra Pesada noticiou esses crimes ocorridos no próprio guará de novembro de 2004 até março de 2005.

O interesse dessa investigação pode apresentar resultados de interesses mais amplos e de utilidade pública. O programa Barra Pesada adota uma postura crítica? Depreciativa? Ou toma partido em relação ao trabalho da polícia? De que forma e em que medida o programa atende os preceitos fundamentais do bom jornalismo? O programa consegue manter a objetividade e isenção?

No processo investigativo, os métodos a serem utilizados serão as gravações dos programas onde esses crimes foram apresentados e através disso será feita caso a caso uma análise de conteúdo sobre o modo como foram apresentados: entrevistas com pessoas responsáveis dentro da Polícia Militar e Civil, produtores do programa e alguns telespectadores que residem no próprio guará.

Espero que no decorrer deste trabalho de pesquisa eu possa verificar se os profissionais dessa área de jornalismo conseguem se manter imparciais transmitindo as informações para a

população, se existe algum tipo de privilégio ou não em relação ao trabalho da polícia. Se realmente o programa se mantém isento de qualquer vínculo com essas entidades, as quais são responsáveis pela segurança pública.

A televisão por se tratar de um veículo de comunicação de massa deve sempre enfatizar a notícia, buscando a melhor forma de transmiti-la ao grande público. Tudo que é apresentado deveria passar por um padrão de qualidade onde a ética jornalística seria fielmente respeitada e com isso os resultados só dariam credibilidade a determinados programas e as próprias emissoras. Com isso o maior beneficiado seria o telespectador que ao sentar no sofá e ligar sua televisão teria certeza de que o programa ao qual está assistindo é de qualidade e todo conteúdo apresentado pode contribuir para o seu crescimento intelectual, moral e ético.

Capítulo 2

A falta de informação a respeito de assuntos que envolvam o jornalismo policial se tornou consequência lógica da condenação e desaparecimento que essa área de reportagem recebeu a partir do final da década de 70. Os repórteres de polícia eram formados nas próprias redações, numa espécie de transmissão oral de tradições e conhecimentos. Pode-se dizer que o jornalismo policial sofre atualmente síndromes básicas: falta de informação dos repórteres que eventualmente se vêem forçados à cobertura e falta de incentivo ao surgimento de novas vocações em outras editorias. Mas quem quer ser repórter de polícia hoje em dia? A editoria perdeu importância, os talentos não são estimulados, o espaço foi reduzido. Contudo, o fato policial não deixou de existir, muito pelo contrário. Os repórteres, mesmo sem experiência, têm de noticiá-lo. Só que existem questões discutíveis, por exemplo: por que não fazê-lo com o cuidado que qualquer notícia merece?

Quando procurá-se obras bibliográficas sobre este tema dificilmente encontra-se. Diferente de outras editorias como economia, esportes, política e cinema. Numa pesquisa universitária onde um estudo de caso será feito, não se pode depender apenas do Código Penal brasileiro como referência.

Por falta de informações como estas, pessoas que não tem conhecimento sobre o assunto podem ter oportunidade de procurar seus direitos ou até mesmo tirarem dúvidas do assunto, como por exemplo não confundirem roubo com furto e rapto com seqüestro, entre outras tantas particularidades.

O site <http://www.comunique-se.com.br/reporterdepolicia/apresentacao.htm> faz referência a atuação do profissional desta área e das formas que o assunto pode ser abordado diariamente.

“A atuação de repórter policial é tida como uma espécie de “desafio” para o ingresso do profissional de jornalismo. Embora a área policial se apresente como porta de entrada para alguns profissionais que ingressaram na área jornalística, alega-se que a permanência na área é opcional, apesar de ser “muito discriminada” entre os próprios jornalistas. Parece haver uma espécie de identidade dos jornalistas da área policial que os diferencia das outras áreas, destacando-se a “coragem” para estar no lugar dos fatos, para denunciar atos arbitrários da polícia e da justiça, ter uma rede própria de informações é a característica mais salientada juntamente com a “missão” de informar”. (acessado em 14 de maio de 2005).

Nesta área especialmente, devemos ter maior cuidado com nossas fontes¹ pois através delas conseguimos furos jornalísticos. Podem ser vistas como bens pessoais e intransferíveis. Cada jornalista deve ter e procurar manter sua fonte para que possa sempre saber de tudo que se passa em sua volta, ainda mais numa editoria como esta.

Assim como em qualquer editoria, o repórter policial sempre terá sua importância dentro das redações e mesmo assim, como nas mais variadas profissões, existem os “bons” e “maus” jornalistas. Isso é outro fato que limita o profissional desta área. Porém, repórteres sérios e que realmente cumprem sua função dentro do jornalismo, onde o objetivo maior é a informação, já sofreram no desempenho de suas tarefas, onde muitos deles tem em seu currículo situações de extremo risco, como por exemplo, repórteres que foram presos e mesmo baleados, mostrando assim as dificuldades de atuar nesta área. O repórter policial como diz o ditado popular, tem que “matar um leão por dia”. Ir atrás da informação, buscar maiores detalhes sobre o fato, sem se preocupar com o que é ou não apropriado, mas com o fato de que todos gostam de serem informados.

Outra questão que podemos observar no repórter policial, é o fato de que qualquer matéria feita por ele, ou notícias por ele publicadas acabam sendo um relatório da ação da polícia, a impressão que se passa é de que tudo foi feito por um próprio policial, um boletim informativo. Porém, é possível notar algumas vantagens e desvantagens na figura do repórter especializado. As vantagens estão relacionadas ao conhecimento que ele adquire, podendo falar assim, daquele assunto com mais propriedade que os demais repórteres que flutuam por várias editorias. Porém, a proximidade que eles nutrem com as fontes é um fator que pode se revelar perigoso. Uma das características que mostram tal proximidade é a linguagem utilizada nas matérias, tornando-se cada vez mais parecida com a de um agente da polícia. A semelhança entre os termos pode significar um problema ainda maior dependendo do veículo: a prática de simplesmente copiar os releases das assessorias de imprensa da Polícia. Contudo, o conteúdo das matérias feitas nessa área jornalística é justificável pela convivência do repórter no espaço físico da área policial, onde a própria Polícia se torna fonte de informação.

¹ Fonte: Qualquer pessoa, documento, organismo ou instituição que transmite informações ao repórter para a elaboração de uma notícia; a procedência da notícia. Técnicas de Codificação em Jornalismo, pág 183. Mário L. Erbolato. 5º Edição-Editora Ática.

2.1- Visão de profissionais em relação ao jornalismo policial.

2.1.1- Visão de um jornalista político

O jornalista Igor Marx F.F Lima e Silva, formado pela Universidade de Brasília, conta um pouco da sua experiência como repórter policial e afirma que passar por essa área mesmo com todos os problemas que ela tem, é de grande valia para qualquer repórter. “A área policial ajuda o profissional a se tornar mais completo não só como jornalista, mas como ser humano e parte interessada nos problemas da comunidade”. Declara Igor

Ainda seguindo esse raciocínio, Marx ressalta ainda que a editoria de polícia é a cozinha do jornalismo. Segundo ele, é o local onde se aprende o que pode de fato se tornar notícia e os efeitos que as matérias publicadas causam em uma determinada comunidade. O trabalho na editoria de polícia fornece uma perspectiva diferenciada dos problemas sociais e econômicos que assolam o país. Ele caminha no limite entre o jornalismo de interesse público e o sensacionalismo vazio e interesseiro.

“Na mesma semana, o profissional pode realizar uma pauta que diz respeito a todos na comunidade como, por exemplo, a situação do seqüestro relâmpago no Distrito Federal, e outra sobre uma briga de marido e mulher que resultou no assassinato de um dos envolvidos. Pelo seu aspecto trágico e sanguinolento, não são raros os casos em que o segundo exemplo ganha mais destaque no veículo do que o primeiro. Nesse sentido, embora algumas características particulares em um acontecimento possam ajudar a vender mais exemplares do jornal, acredito que a exploração desses eventos ocupa mais espaço do que deveria no noticiário diário em detrimento de assuntos mais relevantes para a sociedade”.

A objetividade e a imparcialidade no jornalismo são temas controversos, entretanto o jornalista consegue manter uma distância dos personagens que relata em suas matérias. Mas esse distanciamento não significa objetividade. Sobre essa questão Marx ressalta:

“A objetividade nas ciências sociais e no jornalismo é uma idéia inalcançável. Isso não significa tomar partido nos eventos e retrata-lo na matéria, e sim aceitar a bagagem de conhecimento e preconceitos inerentes a todo ser humano. A partir disso, escrever a matéria da maneira mais equilibrada possível. Em suma, existe o esforço dos jornalistas de manter uma certa distância dos acontecimentos retratados, mas ele nem sempre resulta em bom jornalismo”.

Os repórteres policiais, ao transmitirem a violência, acabam associando elementos para este fenômeno, como os problemas sócio-econômicos, como a pobreza, a miséria, o desemprego,

o abandono social, as drogas e o analfabetismo. Dessa maneira é inevitável não ter em mente a imagem de que pobreza é sinônimo de violência e que à parte marginalizada da sociedade é má, formada apenas por pessoas violentas e tomadas pelo ódio. Porém, pensamentos ou opiniões como esta, podem ser contestadas com fatos concretos e com provas recentes, afinal quem não lembra ou não tomou conhecimento dos quatro jovens de classe média alta, da cidade de Brasília que tocaram fogo num cidadão que estava dormindo no ponto de ônibus² Na teoria, já que eles nasceram num meio favorável, tendo tudo ao alcance das mãos poderíamos concluir que todos seriam bons cidadãos ou pelo menos teriam tudo pra ser.

2.1.2- Visão de um ex-policial civil e que hoje é jornalista

César Augusto Resende da Costa é jornalista desde 1992, entretanto em 2002 ao passar em concurso público, se tornou policial civil trabalhando até fevereiro 2005. Hoje, ele voltou as redações e nesse período, como policial, ganhou muita experiência em relação ao jornalismo e a imparcialidade na transmissão de notícias. Apenas quem esteve dos “*dois lados da moeda*” é capaz de melhor comparar esses detalhes que ainda são questionados hoje em dia. Sua opinião sobre o jornalismo policial é bastante crítica, porém, ele acredita que a editoria nas redações é importante para informar a sociedade sobre o que está acontecendo.

“O atual jornalismo policial é um misto de circo com terrorismo, que matam ouvintes, espectadores e leitores numa espécie de transe de medo, para reagir a escalada de violência que é crescente no país. A editoria Policial é de extrema importância para que a sociedade possa acompanhar os fatos que envolvem crimes de toda a espécie, mas como está sendo tratada, com desdém e sensacionalismo, não consegue atingir a sua devida importância. Muitas páginas e programas policiais praticamente vertem sangue a cada edição, mas quando o assunto é tratado de forma séria eles conseguem ser um valioso instrumento, a exemplo de um jornalismo policial investigativo que ajuda na elucidação de crimes ou mesmo até servem de ponte para denúncias de violências.” Afirma o jornalista.

César ainda comenta que o jornalismo policial, hoje, não consegue se manter imparcial. Existe uma “troca de favores” entre o diretor de um veículo de comunicação e a corporação que será citada, pois é através dessa relação de “amizade” é que depende o que será veiculado. Ainda

² No dia 20 de abril de 1997, por volta de cinco horas, na EQS 703/704- W3 Sul os jovens Marx Rogério Alves, Antônio Novély Cardoso de Vilanova, Tomás Oliveira de Almeida e Eron Chaves de Oliveira juntamente com o menor G.N.A.J (o nome completo do menor será sempre omitido, embora conste do original) jogaram gasolina e atearam fogo no índio Pataxó Galdino de Jesus, causando-lhe a morte.

segundo o jornalista, existem poucos jornais e programas deste segmento que exercem o bom jornalismo.

“Ser imparcial é atender as necessidades da democracia e da transparência. Alguns poucos conseguem se manter imparciais. A maioria está atrás de audiência para manter o programa no ar. Existem casos sim e com muita frequência de troca de favores entre a mídia e a polícia. O jornalismo mantém uma rede muito grande, não só com a polícia mas com todos os ramos da sociedade. O que não se deve fazer é corromper e se utilizar de qualquer meio para conseguir as notícias. Mas como existe mal policial, também existe jornalista que não vale o que come”. Comenta.

2.2- A banalização da Violência

A banalização da violência esta nos colocando na defensiva. A crueldade dos crimes e o silêncio da sociedade nos levam a constatação de que cada um de nós fica rezando para que não aconteça com nossos familiares o que ocorre com os nossos vizinhos. A violência como objeto de produção de notícia, é a audiência e comercialização nos jornais. Visando o lucro a mídia sensacionalista, transforma qualquer coisa em produto, até mesmo assassinato em entretenimento para as massas. Essa forma de sensibilizar o público, através de reconstituições dramáticas dos crimes, representa apenas um jornalista puramente interesseiro, hipócrita, ambicioso por audiência e que coloca o furo³ acima de tudo. Os meios de comunicação se tornam responsáveis pela forma de como as pessoas vêem o mundo e de como o criam e se situam nele. É preciso acabar com essa atitude da mídia de transformar todo tipo de violência em conteúdo comercial.

As pessoas vêem sensacionalismo, exploração, e sentem que os profissionais de imprensa querem mesmo é faturar, ficar famosos, ou ainda, mostrar uma alegria maldosa com a desgraça alheia. Para a mídia, qualquer tipo de violência constitui uma espécie de mercadoria valiosa para empresas na área da comunicação. Quanto mais anormal e alarmante, maior será seu efeito econômico. Essa cultura vem sendo explorada pelos meios de comunicação muito mais para provocar a curiosidade do que informar a sociedade sobre o problema.

³ Os furos jornalísticos são reportagens exclusivas obtidas por um único órgão de imprensa, decorrem de outro tipo de competência. Para dar furos, um jornal precisa estar muito bem informado, dispor de repórteres com tempo, preparo e persistência para pesquisar e “trabalhar” uma fonte. Sorte também ajuda. Site da Folha de São Paulo: http://www1.folha.uol.com.br/fofha/ombudsman/omb_19961006_1.htm. Acessado em 01 de junho de 2005.

Muitas vezes, programas deste segmento acabam transformando os estúdios de gravações num verdadeiro palco onde o espetáculo da violência e o sangue derramando são tidas apenas como meras atrações, e entretenimento.

Na revista *Universitas Comunicação*, o então professor do Uniceub e mestre em comunicação Gustavo Henrique Borges Costa, escreveu uma matéria falando sobre a cobertura da rebelião coletiva do presídio paulista, em fevereiro de 2001, e que foi transmitida "ao vivo" pelo programa Domingo Legal⁴. A produção do programa ao descobrir que uma celebridade, a cantora Simoni, estava servindo de refém nessa rebelião, disponibilizou um verdadeiro aparato de recursos para conseguir rapidez na divulgação de cada passo ou direção de tudo que estava acontecendo naquele período. Aquela tarde de domingo ficou marcada pelo show de imagens da Casa de Detenção, a vista do pátio, muros, entre outros. Tudo isso foi levado a milhares de brasileiros naquela tarde, a informação chegou mais rápida e “quente” do que o próprio almoço de domingo.

O professor Gustavo Borges, definiu este episódio de violência e sangue como macabro. “Um episódio macabro. Assim é possível descrever a cobertura da rebelião coletiva nos presídios paulistas no programa Domingo Legal”. Declara.

Dentro dessa questão de levar a informação ao telespectador o mais rápido possível, podemos discutir dois aspectos, um deles seria o desempenho do jornalismo e seus ideais: como cobertura completa, apuração correta dos fatos, testemunhas exclusivas, enfim, uma série de particularidades da atividade onde o beneficiado é quem recebe todo o conteúdo, em que cada regra é cumprida fielmente.

O outro, seria o trabalho jornalístico que acaba sendo visto como apenas um show de entretenimento, comentários superficiais, sensacionalismo barato, e a falta de debates tanto político quanto sociais. Enfim, todo e qualquer tipo de informação se torna um simples espetáculo.

Muniz Sodré em seu livro *A Comunicação do Grotesco* afirma que a televisão está nas mãos de grupos particulares e empresas privadas.

“Em todos os países onde a televisão é controlada por fundações ou pelo governo é razoável o nível de qualidade e de responsabilidade do comunicar televisual. No Brasil, assim como em toda a América Latina, é baixíssimo o nível de tevê”. (Sodré, 1972, p.57)

⁴ O Domingo Legal é um programa semanal de entretenimento transmitido pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) e apresentado pelo jornalista Augusto Liberato.

A televisão ainda tende a dispersar a atenção do telespectador ao invés de ajudá-lo a formar sua opinião. A tevê apesar de nos trazer uma imagem concreta, não fornece uma reprodução da realidade. Sodré ainda comenta no livro, que uma reportagem de tevê com transmissão direta é o resultado de vários pontos de vista, dentre eles o autor cita:

- 1) Realizador: quem controla e seleciona as imagens num monitor.
- 2) Produtor: que poderá efetuar cortes arbitrários
- 3) Cameraman: que seleciona os ângulos de filmagem. Finalmente de todos aqueles capazes de intervir no processo da transmissão.

“Por outro lado, alternando sempre os closes⁵ com cenas reduzidas, a televisão não dá ao espectador a liberdade de escolher o essencial ou acidental, ou seja, aquilo que ele deseja ver em grandes ou pequenos planos. Dessa forma, o veículo impõe ao receptor a sua maneira especialíssima de ver o real”. (1972. p.57)

São por motivos dessa natureza que a tevê precisa fazer com que o telespectador acredite no que vê, pois o êxito de um programa é aferido pelo índice da sua audiência. E quanto maior o número de telespectadores maior será o sucesso. No Brasil, o empobrecimento ou a banalização da mensagem televisual, decorre na verdade, da incapacidade do comunicador de entender a verdadeira natureza da televisão.

Em seu outro livro *Sociedade, Mídia e Violência*, Muniz Sodré explica o conceito da palavra violência como puro ato de implicar e conotar negativamente apenas as ações que contrariem a legitimidade, burguesa ou não, do grupo dirigente. Ainda neste capítulo, Sodré declara que a mídia é quem prega a violência e o medo. “A mídia é a principal gestora das enunciações em que o ato agressivo aparece como gênero catastrófico, gerador não de um simples medo, mas de medo excessivo, ou pânico” (Sodré, 2002, pág 19).

Nesta parte, podemos e devemos nos perguntar de onde vêm esse prazer em que temos em ver programa repleto de violência, Como assaltos, mortes e assassinatos? Sobre isso o autor declara:

⁵ Close é o termo técnico na tevê, onde apenas o rosto da pessoa aparece no vídeo.

“Na medida em que todos disputam um mesmo objeto, que é o poder. Como gladiadores, os indivíduos correm para a morte, matando-se mutuamente. Daí derivaria o prazer, muito forte, de assistir ao perigo ou a morte dos outros. De tornar-se expectador do sofrimento alheio”. (Sodré, 2002, pág 19).

Dentro da mídia televisiva, o telejornal é o lugar onde estão armazenados as informações e as notícias. É o lugar privilegiado da notícia na televisão. Porém, existem programas de telejornal que substituem a verdade pela emoção. O telejornal tem de provocar emoções, sensibilizar os telespectadores.

O professor Gustavo Borges ainda na matéria feita para a revista Universitas compara essa relação de emoção entre o apresentador e o que é transmitido como mero interesse.

“Esta relação entre narradores da violência, meios de comunicação e audiência faz o processo comunicativo um jogo. Onde a informação e a emoção se misturam diante dos interesses de ambos e que se mostram ambíguas. Uns e outros não sabem se desejam informação ou entretenimento. Se notícia ou divertimento. Ambos resultam num hibridismo de linguagens que transforma realidade em ficção e confere ao jornalismo uma dimensão maior que informa. Há que se emocionar. Ambos determinam isto. Mesmo a cobertura jornalística da violência urbana no cotidiano ganha essa conformação na sua narrativa”. (Borges, 2003, p.302)

2.3- 3 Casos que marcaram o jornalismo investigativo

Fazendo uma comparação com a matéria feita pelo professor Gustavo Borges, não posso deixar de citar três grandes episódios que marcaram o jornalismo policial e o telejornalismo brasileiro. Dentro do jornalismo investigativo, podemos voltar a questão do risco em conseguir a notícia, a informação ou simplesmente a busca pela audiência, o show. No livro dos 35 anos do Jornal Nacional⁶ tudo é recontado de forma detalhada e até mesmo lendo, é possível imaginar passo a passo de cada cena.

O primeiro deles aconteceu no dia 14 de fevereiro de 1981, no presídio de Jacareí, em São Paulo. Onde aconteceu uma rebelião de presos. No momento em que parte deles havia saído para pegar sol no pátio do presídio. Os detentos primeiramente renderam um cabo da polícia e logo após outros oficiais. O advogado Franz Castro, que trabalhava na Associação de Apoio aos Condenados, também foi feito de refém. A polícia começou a intervir a exigir a libertação do

⁶ Há 35 anos, todas as noites, sete em cada dez aparelhos de televisão ligados sintonizam o Jornal Nacional da TV Globo. Jornal Nacional: a notícia faz história. 2004.

funcionário do presídio e no meio da negociação o tiroteio começou. Quando tudo acabou, o resultado foi triste e sem vencedor, o advogado e os três presos e mais um policial foram mortos. Segundo o livro do Jornal Nacional especificamente na página 84, todos os esforços foram feitos para conseguir notícias sobre o que acontecia naquele presídio.

“Para conseguir informações e melhores imagens do confronto entre os policiais e os presidiários, a equipe da TV Globo-formada pelo cinegrafista Reynaldo Cabrera, o repórter Carlos nascimento e o operador de VT Carlos Alberto Bombonatte- se colocou, por cerca de 20 minutos, na linha de frente do tiroteio. Nascimento narrou os acontecimentos no próprio local e a fita, registrando o flagrante, com áudio e imagem, foi enviada para a redação pronta para ser exibida no Jornal Nacional. Eram imagens impressionantes de pessoas correndo em plena luz do dia, se escondendo atrás dos carros nas calçadas e de um preso sendo executado por policiais” (Jornal Nacional, 2004, p.84)

O segundo caso marcaria a tarde do dia 2 de outubro de 1992, onde 341 policiais da tropa de Choque de São Paulo receberam ordens e invadiram o pavilhão 9 da casa de detenção do Complexo do Carandiru. O objetivo da operação era conter a rebelião causada pela briga entre os líderes de dois grupos de internos. Na ação, mais de 100 presos foram mortos. O que deveria ser apenas uma ação para acabar com a rebelião dos internos, tornou-se a mais violenta ação policial dentro de uma penitenciária brasileira. Uma página negra dentro da nossa história.

“A tropa de choque cercou o Carandiru e os policiais entraram com cães, bombas e armas pesadas. O balanço oficial da secretaria de segurança Pública contabilizava 11 mortos, 25 feridos, e 3.500 tiros disparados, tendo 540 acertado seus alvos. Nenhum policial morreu”. (Jornal Nacional, 2004, p. 258)

No livro, ainda podemos verificar que o Massacre do Carandiru aconteceu dias depois de o jornalista Caco Barcellos ter denunciado, no livro *Rota 66*, a existência de um esquadrão da morte dentro da Polícia Militar de São Paulo. Com todos os detalhes em mãos e informações importantes a divulgar, Caco Barcellos foi chamado para fazer a cobertura dessa tragédia. O repórter relata como foi sua experiência neste episódio:

“Os bilhetes que os presos jogaram do alto dos pavilhões para o pátio, onde nós estávamos, foram fundamentais para se chegar rápido aos pontos onde a maior quantidade de presos foi morta. Já dentro dos corredores, com os PMs do lado de fora, ficou mais fácil trabalhar, entrevistar os presos com liberdade e, principalmente, procurar as marcas reveladoras do tipo de ação que a polícia havia adotado. Minha experiência de sete anos de investigação, para identificar as vítimas da PM, me ajudou muito nessa hora a encontrar vestígios de execução nos corredores dos pavilhões e especialmente dentro das celas....Esses detalhes técnicos foram fundamentais para se poder afirmar que não havia ocorrido um tiroteio entre detentos e policiais, como afirmava o comando da Polícia Militar, mas sim um massacre.” (Barcellos, 2004, p. 259)

Durante todo esse episódio, lá estava o Jornal Nacional acompanhando e transmitindo o drama dos parentes dos detentos que protestavam contra a ação policial. Até o dia 4, a direção do presídio não tinha divulgado a relação dos mortos e a espera por informações por parte dos familiares das vítimas eram intensas. Somente no dia seguinte, os jornalistas puderam entrar no pavilhão 9. O JN exibiu uma matéria de Caco Barcellos em que ele mostrava as marcas da destruição do que restou do presídio e ouviu depoimentos de quem sobreviveu ao massacre.

A TV não deixou de acompanhar o caso, e passados nove anos depois do acontecido, ela volta ao tema, porém, dessa vez não para falar de mais mortes e sim para julgar e condenar os responsáveis por essa ação criminoso e covarde. Uma resposta à sociedade que aguardava ansiosamente por justiça.

“O julgamento começou em 20 de junho de 2001 e durou 10 dias... Ubiratan Guimarães foi responsabilizado por 111 mortes e cinco tentativas de homicídio. Foi condenado a 632 anos de prisão em regime fechado. Entretanto, sendo réu primário, tendo comparecido a todas as etapas do processo e mantendo endereço fixo, o coronel pôde recorrer da sentença em liberdade. Em 2002, o complexo presidiário de Carandiru foi desativado e, posteriormente, implodido”.(Jornal Nacional, 2004, p.260)

E o terceiro caso ainda bem recente na memória de todos nós brasileiros, foi a morte do jornalista da Rede Globo Tim Lopes em junho de 2002. Tim Lopes foi assassinado depois que apresentou sua reportagem sobre abuso de menores e tráfico de drogas em um baile funk na favela da Vila Cruzeiro, no bairro da Penha, no Rio de Janeiro. O crime foi feito de maneira brutal e acima de tudo desumana. O jornalista foi seqüestrado, torturado, “julgado” e executado por traficantes que eram liderados por Elias Pereira da Silva, o “Elias Maluco”. O crime chocou a população e foi encarado como um cerceamento à liberdade de imprensa.

O que diferencia a apuração de todos os dias da investigação jornalística é o fato de que a segunda alternativa, além de grande esforço de apuração, o furo de reportagem e a descoberta de

fatos de interesse público que estavam ocultos. Um repórter investigativo também não é, necessariamente, mais bem preparado do que os outros. O que o distingue, é a obsessão em descobrir o que os outros não estão vendo e a desconfiança permanente de que pode haver algo errado por trás da aparente normalidade. Se os telespectadores aceitam uma informação como verdadeira, não haverá suspeita a ser investigada. Em segundo lugar vêm a objetividade e a persistência para a obtenção de provas. É preciso objetividade para se ter um foco e evitar a dispersão, e sem a persistência não chegamos a um final produtivo. Esse foi o objetivo do jornalista Tim Lopes, que contudo conseguiu brilhantemente uma verdade que não estava sendo vista pelas autoridades ou mesmo pela própria mídia. Seu trabalho foi um marco na história do jornalismo investigativo. No livro *Narcoditadura*, Percival de Souza comenta sobre o que é ser jornalista investigativo e tudo que cerca o profissional desta área.

“Ser jornalista investigativo é morar de aluguel, viver com orçamento apertado, e denunciar escândalos de milhões. É remar contra a correnteza num rio cheio de pedras e ser aconselhado a viver uma vida mais tranquila. É ter medo de tomar um tiro e sofrer uma emboscada. É imaginar que os opositores tentem vingar-se atingindo seu calcanhar-de-aquiles, a família”. (Souza, 2002, p. 230).

Não podemos nos deixar levar por programas que utilizam cenas horríveis, que exploram a decadência humana ou simplesmente retratam a violência com o único intuito de ganhar audiência. É preciso dar mais valor ao jornalismo policial e investigativo. No meio de tantos oportunistas de plantão, existem aqueles que trabalham de forma séria pra poder levar a informação e todas as notícias de forma clara e objetiva a toda população. Profissionais como Tim Lopes, que sacrificaram sua vida por um ideal devem sempre ser lembrados pelos seus grandes feitos. Programas inúteis, sensacionalistas e que não conseguem se manter imparciais diante dos fatos apresentados devem ser descartados por qualquer telespectador, pois nada será acrescentado em seu crescimento cultural e na sua formação pessoal.

Capítulo 03

O século XX foi aquele em que a profissão jornalística mais se consolidou e se disseminou em todo o mundo, carregando consigo um conjunto de procedimentos morais que ajudaram a fazer que mais pessoas, em todo o planeta, pudesse perceber seu entorno e sua relação com diferentes áreas sociais e geográficas.

O jornalismo, nada mais é, que a fascinante batalha pela conquista das mentes e corações de seus alvos: leitores, telespectadores ou ouvintes. Serve para ajudar a construir a comunidade, a cidadania, e a democracia. A principal finalidade do jornalismo é fornecer aos cidadãos as informações de que necessita para serem livres e se autogovernarem.

No livro Elementos do Jornalismo Bill Kovach e Tom Rosenstiel debatem sobre a questão da definição sobre o que é jornalismo, pois qualquer definição pode acabar resumindo essa profissão que possui uma grande amplitude e utilidade para a população.

“Para alguns observadores do ramo é perigoso definir o jornalismo. Definir o jornalismo, dizem, é limita-lo. Fazer isso seria violar o espírito da Primeira Emenda: “O Congresso não fará nenhuma lei....reduzindo a liberdade de expressão ou imprensa”. Por essa razão, os jornalistas nunca aceitaram exercer a profissão com um registro especial da categoria, como os Conselhos Profissionais de médicos e advogados, dizem aqueles mesmos observadores. Estes também se preocupam com o fato de que uma definição específica de jornalismo tornará a profissão mais resistente às mudanças ao longo do tempo, o que poderia ocasionar até o desaparecimento da profissão.” (Kovach e Rosenstiel, 2003, pág 32)

Nos próprios jornais, revistas ou televisão, há um fio condutor que delimita o que será publicado ou levado ao ar: a pauta. Ela funciona como instrumento de orientação, uma espécie de bússola para os repórteres e de informação para as chefias. A pauta acabou se transformando, com o tempo, em uma espécie de Bíblia, ocasionando distorções e limitações ao trabalho jornalístico.

A profissão de jornalista prepara vários desafios todos os dias. Isso torna o trabalho muito mais fascinante. Alguns desses desafios estão na elaboração de textos, das matérias, de vetes. É preciso ter idéias claras que se possam colocar em prática e principalmente estar seguro de que se entende do assunto a ser tratado, pois do contrário nada sairá do papel.

Acredito que ainda exista bom jornalismo. É preciso, contudo, estabelecer algumas premissas para este tal de bom jornalismo. O bom jornalismo é uma profissão. Trabalha-se muito. É um produto, um serviço que se presta à empresa que comprar a matéria, e ao público. A primeira obrigação do jornalismo é sempre com a verdade. Muitas vezes o jornalista tem uma obrigação social que na verdade pode ir além dos interesses imediatos de seus patrões. O bom jornalismo também é um jornalismo cheio de personalidade. É um jornalismo subjetivo. É necessário deixar claro ao leitor que ele está lendo sobre um assunto do ponto de vista de alguém. É um jornalismo preocupado com pessoas. Além disso, para o jornalista, as pessoas são personagens. Porém, os personagens do bom jornalismo não são manipuláveis, pois o jornalista não cria, relata. O “bom jornalismo” não se apegua à premissa de que o leitor não tem tempo para ler notícias longas. Se a história for realmente interessante, ele arranjará tempo. O bom jornalismo é feito em equipe. Onde estão estes jornalistas? Quem sabe? Muitas vezes eles estão nas grandes redações, às vezes eles estão na faculdade, cheios de energia e criatividade onde são sumariamente podados por professores vencidos ou amordaçados pelas linhas editoriais.

O primeiro passo para isso, é compreender que o jornalismo não precisa necessariamente defender uma causa, como as crianças, os índios ou a ecologia. A causa principal do bom jornalismo é a informação de qualidade. O segundo passo seria qualificar a informação jornalística. O que deveria estar sendo ensinado nas faculdades e nas próprias redações é que o jornalista e os meios de comunicação têm que ser éticos⁷. Produzir uma cobertura mais profunda, elaborada e ética das questões sociais é o melhor caminho para que os meios de comunicação, de fato contribuam para a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Não é surpresa alguma que haja tantos lamentos sobre o mau jornalismo. A imprensa brasileira encobre cada vez mais as questões sociais. Boa parte das reportagens foca apenas a catástrofe (o analfabetismo, a violência, as drogas...), deixando de fora o contexto e as causas. Mas não é só pelo lado negativista em relação a temas sociais que a mídia peca hoje. Para o bem ou para o mal, os meios de comunicação informam e formam os cidadãos. São funções cruciais em uma sociedade em que a informação e o conhecimento têm cada vez mais valor.

A base de trabalho do jornalismo são fatos. Deve existir uma reflexão sobre os fatos para se fazer um bom jornalismo. Responsabilidade, bom senso e noticiar corretamente não podem ser

⁷ Baseando-se no art. 6º do Código de Ética, a conduta profissional do jornalista, o exercício da profissão do jornalista é uma atividade de natureza social e com finalidade pública, subordinada, portanto, ao Código de Ética.

impostos pela lei. Porém, dentro dessas questões e do tema deste trabalho, a imparcialidade não deve ser confundida com falta de posicionamento. Uma matéria pode realmente ser imparcial, mas com um posicionamento. Um jornalista deve relatar igualmente os dois lados de um fato.

Por trás de um texto jornalístico existe uma pessoa e uma equipe que carregam sua visão de mundo acerca dos temas que abordam. Como ser então imparcial? A profissão de jornalista deve criar no indivíduo o senso de resignação e anulação de sua própria forma de pensar, em favor do bom jornalismo e da cobertura igualitária dos fatos. Esse é o jornalismo imparcial.

A ética que em tese deveria fazer parte da conduta de todo bom jornalista, na prática acaba se transformando em uma opção pessoal. O desafio é ser crítico diante do que se vê e daquilo que se faz, pois a reportagem é o produto final de um trabalho. O modo como se fez e os meios utilizados para obter este resultado, possibilitarão a abertura de uma discussão que vise a ampliação da postura ética de cada um dentro do espaço jornalístico.

Fatos relevantes são de interesse do povo. Mas nem sempre o que as emissoras de TV, rádios, jornais e revistas divulgam, são necessariamente verdades jornalisticamente éticas e incontestáveis. No atual contexto, em que o capitalismo dita as regras da economia, tudo passa a ter seu valor mercadológico, inclusive a notícia. A notícia como mercadoria pode e deve ser tratada dentro dos princípios da conduta ética e profissional. Não é raro você abrir um jornal ou ver na TV notícias tendenciosas, pejorativas, que visam beneficiar uma das partes ou mesmo mascarar a verdade dos fatos. O compromisso fundamental do jornalista com a verdade dos fatos e com o seu trabalho parecem nem sempre estarem pautados diariamente em todos os meios de comunicação, pelo modo como são apurados os acontecimentos e sua correta informação.

De acordo com a Declaração Internacional de princípios para a conduta dos jornalistas, é proclamado como um padrão coletar, transmitir, publicar e comentar notícias e descrever acontecimentos. No entanto, o jornalista deverá considerar como graves delitos: plágio, deturpação maliciosa, calúnia, injúria, difamação e suborno em troca de publicação ou omissão de notícias. Mesmo assim, tais delitos continuam sendo feitos por jornalistas que não pautam pela ética no exercício da profissão. É preciso evitar esses e outros abusos de poder no ponto de vista dos interesses dos jornalistas e na defesa dos seus direitos de autor e criador de uma obra de propriedade intelectual. Pode-se dizer que é reconhecida, mas ainda deficiente. Faz-se necessária à reformulação tanto da Constituição Federal quanto do Código de Ética do Jornalismo.

A objetividade e a imparcialidade são cada vez mais insuficientes à sobrevivência de um jornal ou meio de comunicação. Mostrar que um jornal é útil pode ser uma tarefa mais difícil do que aparenta.

As empresas jornalísticas deveriam atender mais de perto a seu público e ter papel mais ativo. Com entusiasmo e dedicação é possível compreender a realidade e conseqüentemente transmiti-la aos semelhantes. Assim sendo, os jornalistas se comprometem com a verdade adotando-a como seu princípio maior, sendo leais com os cidadãos, de forma a procurar sempre a verdade.

No fim das contas, não podemos definir ou regar leis para o jornalismo. Aqueles que trabalham ou que produzem jornalismo devem usar sempre a verdade, a objetividade e a imparcialidade para conferir um trabalho sério e ético. Porém, enquanto tivermos apenas um jornal e três ou quatro emissoras de televisão fazendo jornalismo em nossas cidades, não podemos confiar só no mercado para proteger a ética jornalística.

Capítulo 04

4- Histórico da região administrativa número X – Guará

A cidade do Guará foi criada em 1967, com a finalidade de abrigar trabalhadores do SIA (Setor de Industria e Abastecimento), invasões, núcleos provisórios e funcionários públicos. Sua inauguração ocorreu em 21 de abril de 1969, e seu aniversário é comemorado no dia 05 de maio.

Em setembro de 1969, a NOVACAP e a SHIS prosseguiram com a urbanização do segundo trecho, o setor Guará II, para atender os funcionários do Governo da União, sendo o mesmo inaugurado em 02 de março de 1972.

A região é formada apenas de área urbana, composta do Guará I e II, Quadras Econômicas Lúcio Costa - QELC, Setor de Industria e Abastecimento - SIA, Setor de Transporte Rodoviário de Cargas - STRC, Setor de Oficinas Sul - SOFS, Setor de Clubes, Estádios Esportivo Sul - SCEES, Setor de Inflamáveis - SIN e Invasão da Estrutural. Seu nome se deve ao Córrego Guará, que corta sua área e que provavelmente foi assim batizado em homenagem ao Lobo Guará⁸, espécie comum no Planalto Central naquela época.

O Guará continuou a crescer transformando-se na mais cobiçada Cidade-Satélite formada no berço da classe média do Distrito Federal, onde concentra grande parte da mesma durante esses 33 anos. Segundo pesquisas da Codeplan, o Guará tem a sexta maior renda *per capita* das Regiões do Distrito Federal.

Embora seja conhecida pela sua tranqüilidade e qualidade de vida, nos últimos meses o Guará se tornou cenário de vários crimes, dentre eles, o tráfico de drogas, assassinatos, assaltos etc. A sensação de insegurança tomou conta dos moradores, fazendo com que todos tenham medo de andar pelas ruas.

⁸ O Lobo Guará é um animal típico do cerrado brasileiro. Por causa dos sons dos seus uivos - interpretado pelos indígenas como "Gua-á, gua-á" - que o *Chrysocion brachyururs*, espécie única do gênero, é chamado no Brasil de Lobo-guará. Retirado do site: <http://www.saudeanimal.com.br/extinto11.htm> em 06 de junho de 2005.

4.1- Opinião da Polícia Militar do Guará

O Tenente Guedes, responsável pelo 6º Batalhão de Polícia Militar⁹, afirma que a segurança é uma questão de sensação e que todo esse alarde entre os moradores é provocado pela mídia, apenas com o intuito de ganhar audiência.

“A segurança é uma sensação. E quando você se sente seguro? Quando você vê uma viatura, quando você está num lugar seguro. Você pode estar num elevador achando que está seguro e do seu lado pode ter um vagabundo, um assaltante que está armado e que você não vai estar seguro. Hoje nós temos uma sensação de insegurança no Guará por causa dos acontecimentos veiculados na imprensa ao mesmo tempo. São fatos isolados porque o Guará é uma das cidades que tem o maior nível de policiamento do DF. Hoje nós temos policiamento à pé, de bicicleta, de moto e de viaturas”.

Ainda segundo o Tenente, a mídia age de forma errada em relação ao que ela transmite. Ela como formadora de opinião, deveria repensar como passa essas notícias para a população.

“Para ser franco, a mídia só transmite o que lhe interessa, até porque se eu fosse veicular na televisão que o cachorro mordeu um homem, não vai vender, ninguém vai olhar. Agora, se o homem morde o cachorro, vai vender. Há uma injustiça por parte da tevê tv em relação ao trabalho policial. Às vezes você vem desempenhando um bom trabalho durante um ano, seis meses um ano, com viaturas nas ruas, com índices baixos de ocorrências e às vezes por causa de um fato isolado que realmente é lamentável faz com que apareçam comentários dessa natureza, de que a polícia não tá na rua, de que tá tudo inseguro, de que a população tá com medo. São fatos isolados que mancham toda a atitude de uma unidade, que vem trabalhando certo, que vem trabalhando correto que vem trazendo bons desempenhos, vem cumprindo sua missão. Mas fatos como esse, mancham de tal forma que ficam difíceis de serem apagados. Não podemos pegar 400 homens e julgar por dois. Para a imprensa, só interessa mostrar aquilo que vai vender, aquilo que vai chamar a atenção do povo, é por aí”. Afirma o Tenente.

Após toda essa seqüência de crimes ocorridos no Guará, o comando da Polícia Militar encaminhou trezentos e quarenta policiais os quais foram distribuídos pelas principais ruas do Guará I e II. A Polícia Militar reforçou o policiamento e usou o helicóptero para monitorar o movimento pela cidade. O reforço no policiamento será repetido em datas e horas incertas, até para que se possa prender quem estiver prejudicando a tranquilidade da comunidade.

O Coronel Serra, responsável pelo 4º Batalhão de Polícia Militar¹⁰, alega que a mídia além de criticar o trabalho policial ela também ensina e incentiva o bandido a cometer mais crimes, no momento em que noticia e fica enfatizando esses crimes.

⁹ O 6º Batalhão Escolar da Polícia Militar é responsável pela segurança das escolas de todo Distrito Federal.

“No meu modo de ver, a mídia quando divulga uma imagem dessa de crime promove mais ainda a criminalidade, porque ela começa a mostrar como os crimes acontecem, ensina que dentre milhões e milhões de telespectadores que estão assistindo televisão, alguns desses compram a idéia. Ela noticiou que a cidade do Guará era tranqüila e agora é violenta, isso eu provo pra você que não é, não é essa nossa realidade. O número de crimes aqui já reduziram 40% Totalmente ao contrário do que eles estão falando. Eu precisava de mais um pouco de pessoal aqui no batalhão, talvez pra fazer mais alguma coisa, mas o batalhão é suficiente para atender a comunidade. Mas eu precisava de mais pra fazer melhorias, porque eu ainda cuido da Vila Estrutural, do Setor de Indústria, Cidade de automóvel, Park Shopping. Se eu tivesse mais um pouco de contingente, eu iria cuidar mais do Guará, aí teríamos uma segurança muito melhor. A força da mídia é muito grande, ela é formadora de opinião”. Declara.

O Coronel afirma ainda que o Guará sempre foi e é uma cidade tranqüila e o que gerou todo esse mal estar, o fato de que esses crimes ocorreram em seqüência. Além disso, ele disse que se a mídia agisse juntamente com a Polícia tudo poderia ser mais fácil e ajudaria muito no desempenho do trabalho.

“O problema do Guará, foram crimes graves acontecidos muito próximos uns dos outros. O problema é que o fato gerador que a mídia colocou como gravidade. Só que a mídia não disse que o Guará é tranqüilo, ela disse que é violento. Não é. Alguns crimes violentos ocorreram no Guará. Só que ela deveria dar os dados concretos e dar a resposta também, do jeito que a polícia pudesse explicar o outro lado. Esse talvez seja o lado negativo da mídia onde visa somente vender. Ela esquece que qualquer veiculação promove mais crimes porque é do interesse da mídia é divulgar crimes. A imprensa tem uma máxima de que se não tem assunto” fala-se da polícia”. Nós não temos a força da mídia, só nos resta mostrar que temos policiamento, por isso fazemos toda essa operação de segurança. Pra mim, a mídia é a primeira força que eu vejo. A mídia não deve abalar a comunidade e sim agir em parceria com a gente”. Afirma.

4.2- Opinião da Polícia Civil do Guará

Diante de todos esses fatos e dessa sensação de insegurança, o delegado Vitor Dan que trabalha na 4º Delegacia de Polícia Civil, declara que a mídia é interesseira porque e a só transmite o acontecimento do crime quando a polícia ainda não tem nada esclarecido. O Delegado que fala desse outro lado da notícia, pois ele garante que todos os casos, de todos esse crimes que ocorreram no Guará foram solucionados. Só que nada foi divulgado.

¹⁰ O 4º Batalhão é responsável pela segurança do Guará I e II e toda sua extensão.

“Eu acho que a mídia, não são todos, mas algumas pessoas tem vínculo político que estraga o meio. A mídia quando ela é bem esclarecedora mesmo, a sociedade tem aquela resposta imediata do trabalho da mídia, mas agora com ela vinculada a política, onde muitas vezes acontece isso, começa a estragar e a deturpar os fatos. Todos os crimes que ocorreram no Guará, todos foram desvendados. Todos tem autoria e todos os autores estão presos sem exceção de nenhum. Não existe nenhum crime aqui no Guará que não tenha sido desvendado e que os autores não estejam presos. O único problema seria o número de policiais, mas já está sendo preparado um concurso para abrir novas vagas, o número de viaturas e armas também melhorou, só falta mesmo o aumento de pessoal. O Guará é tranquilo e os moradores podem ficar sossegados. Só precisava aumentar o policiamento ostensivo, nós só trabalhamos com o policiamento depois que ocorre o crime, trabalhando com a investigação. Mas isso vai melhorar”. Declara o delegado.

4.3- opinião de dois moradores

Dona Bruna Ruy da Silva, 70 anos, é moradora do Guará há quase 40 anos. Quando ela chegou na cidade, nem nome havia para o local, era chamado apenas de “Multirão”. Ela afirma que durante todos esses anos, nunca viu o Guará tão perigoso. “Olha, no tempo que eu cheguei aqui, tudo era muito tranquilo. A noite por exemplo era tão calmo que a gente ouvia os lobos no cerradão uivar. Hoje me sinto insegura até para fazer minhas caminhadas. Existem policias mas ainda acho que poderiam ser mais, afinal pagamos impostos e merecemos segurança”. Comenta a moradora.

Dona Bruna acredita que essa criminalidade não é de hoje apenas, ela já se arrasta há muito tempo, só que nada é noticiado. “Tudo que está acontecendo vem de outros tempos. Meu filho já foi assaltado duas vezes. Dessa vez, como teve até morte aqui perto de casa, a polícia resolveu se mexer.” Afirma D.Bruna.

Não poderia ser diferente. A Polícia Militar sempre vai defender veementemente a corporação. O fato é que os moradores ainda se sentem inseguros diante dessa onda de violência. Maurício Ramos, que também é morador do Guará, afirma que a criminalidade aumentou independente da mídia, e em todo caso ele acha que ela incentiva aos bandidos a cometerem mais crimes. Para ele o número de policiais nas ruas é bom, mas poderia ser melhor. Além disso, ele ressalta que a polícia só chega depois que acontece tudo.

“Moro aqui no guará desde que nasci. Gosto de morar aqui, pois ainda considero o Guará muito tranquilo em relação ao resto do Distrito Federal. Antigamente era melhor, as amizades, a vizinhança agora todo mundo fica dentro de casa. O problema fica mais concentrado nas quadras 46 fazendo divisa com o Núcleo Bandeirante, são quadras novas e quem mora lá são só “malandros”. Mesmo com a polícia dizendo que são fatos isolados tudo isso preocupa. O trabalho da polícia é bom, ela só precisa ter maior presença nas ruas e nos locais mais perigosos, pois fazer ronda em locais iluminados é fácil. Quando a mídia transmite esses fatos, acho que ela atrapalha, pois ela consegue aumentar o pânico na população. Ela faz com que o um pequeno caso se torne imenso”. Afirma o jovem.

No livro *Linguagens da Violência*, Suely Almeida comenta que a violência urbana pode ser assimilada de formas distintas dentro desse contexto social.

“O medo e a ameaça permanente que marcam a história de vida da população que vive em áreas de risco, sendo generalizados para a sociedade. Servem à criação de um clima difuso de insegurança, o que favorece a adoção de medidas repressivas e autoritárias, balizadoras do recrudescimento do uso da força policial. Trata-se, portanto, de uma lógica circular: a sociedade termina refém das estratégias de exploração do sentimento de insegurança coletiva. A violência expressa, assim, um contexto e processo de dominação e não simplesmente ou necessariamente um conjunto de atos brutais”. (Almeida, 2000, p.103).

Não só os moradores aguardam por esse segurança, mas como toda sociedade de Brasília. A mídia tem seus defeitos, é verdade. Porém, ela só passa aquilo que está errado e nada é feito para corrigir. O que os moradores esperam de verdade, é que esse combate ao crime, e prevenção, não dure apenas até o próximo fim de semana e sim para sempre.

Capítulo 05

5- Programa Barra Pesada

*“O que é Barra Pesada pra você meu amigo?”*¹¹ Alternando os botões do controle da televisão, o telespectador encontra em sua tevê o programa policial Barra Pesada, transmitido pela TV Brasília de segunda a sexta feira no horário do almoço, por volta de uma da tarde.

Geraldo Naves¹² é o apresentador do programa, o qual no ápice da sua seriedade diariamente traz a população coberturas jornalísticas dos principais crimes ocorridos na cidade de Brasília e entorno.

O programa Barra Pesada começou em Brasília no dia 16 de novembro de 1998. Começou na TV Bandeirantes, com meia hora de duração no horário de meio dia. “Um projeto que deu certo e que nos primeiros seis meses já trouxe uma resposta. Era um problema que já demandava de um espaço para ser debatido, violência, segurança pública”. Comenta Andressa Naves produtora do programa.

Segundo Andressa, os critérios das matérias apresentadas no programa seguem os critérios do jornalismo. “Uma matéria imparcial que sempre escute os dois lados da história. Todas as pessoas citadas em uma reportagem, devem ser procuradas e deve-se abrir um espaço para que elas possam se manifestar”. Afirmar.

O Barra Pesada é um programa independente, embora parte da sua sobrevivência dependa de patrocinadores. Através desses patrocínios é que o programa se estabelece nesse mercado de trabalho independente. O programa trata diariamente de assuntos policiais, baseados nos registros que se encontram na delegacia.

¹¹ Esse é o bordão que se tornou hábito no dia a dia do cidadão brasileiro. Quando o apresentador Geraldo Naves chama o intervalo comercial, um repórter está nas ruas da cidade entrevistando a população para saber o que elas consideram barra pesada.

¹² Geraldo Naves começou sua trajetória no rádio. Durante 25 anos foi diretor de exibição nacional da TV Globo, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

“Nós do Barra Pesada, não fazemos jornalismo investigativo, somente policial. Não cabe a nós fazermos algum tipo de investigação mesmo porque eu não posso dar proteção a nenhuma repórter, a algum informante, então nós nos baseamos somente nos registros policiais. Em cima desses fatos, vamos atrás dos envolvidos nos acontecimentos e sendo assim contamos uma história com começo, meio e fim.” Declara Andressa.

Telespectadora assídua do programa, Maria de Fátima Pereira, 45, dona de casa, afirma que o programa é correto e acredita em tudo que é transmitido.

“Eu assisto todos os dias, gosto do jeito que o Geraldo fala do povo, da polícia, dos bandidos. Acho que jornalismo é isso, vem mostrar o que é certo, quando está certo e errado quando está errado. Pra quê ficar escondendo? Pra que enganar o povo? Eu acho sim que ele está certo e enquanto o programa estiver no ar eu estarei assistindo”. Declara D. Fátima.

Já para Almir Justino da Silva Neto, 24, estudante de Direito, o programa não diz nada e só sabe apelar visando o sensacionalismo para obter audiência.

“Esse programa é apenas mais um na TV brasileira. Um programa onde o sensacionalismo toma de conta. Além disso, o apresentador só sabe “puxar-saco” da Polícia. Eu não acredito em nada do que é noticiado e nem quero assistir um programa assim, prefiro ir dormir”. Declara Almir.

Andressa Naves, afirma que o grande objetivo do Barra Pesada é não deixar que ocorra a banalizar a violência.

“Todos os dias mostramos isso, a gente acaba , de certa forma contribuindo para uma banalização. Até o repórter quando entra no Barra , ele vai cobrir uma arma de fogo na Ceilândia. Ah? ele acha jóia, no primeiro, segundo, no terceiro dia, no quarto ele fala: uma arminha de fogo? Ele mesmo banaliza, não tem um homicídio?, um latrocínio? Enfim...assim, já começa a escolher. Desde quando uma arma de fogo não pode matar várias vidas?, é preciso muito cuidado. Além disso, a grande preocupação que nós temos aqui no Barra Pesada em primeiro lugar é a informação. A informação correta, limpa e transparente”. Comenta Andressa

Andressa ainda discorda de comentários vindos da própria mídia de que o programa favorece a polícia.

“Ah, vocês puxam saco de polícia. Não nós não puxamos saco de polícia. Eu chego lá, existiu uma vítima, a materialidade e uma pessoa presa. Quem prendeu essa pessoa? O policial. Mas é obrigação do Estado. É obrigação do policial. Sim concordo, é obrigação, e quando ele está de folga é obrigação? E quando ele sai correndo, passa isso, passa aquilo, larga a família. Os policiais são seres humanos, frutos da nossa sociedade. Se o profissional trabalha motivado ele pode render muito mais. Existe um lado que precisa ser analisado”.Declara.

5.1- Visão da produtora do programa sobre ética e desempenho do jornalismo policial

É muito comum no jornalismo policial existir troca de favores entre repórteres e jornalistas. O Jornalista quer o furo de reportagem, e quem fornece pede que nada de ruim seja noticiado sobre a instituição. Em relação a troca de favores entre os programas deste segmento e pessoas ligadas a Polícia, Andressa afirma que existe, mas diz que quem aceita esse tipo de coisa não é profissional. “Quando a pessoa se submete, o jornalista ou o delegado, eles deixam de ser profissionais. Nós jornalistas não podemos nos submeter a esse tipo de situação. Infelizmente o meio político manda muito nesse jornalismo. Temos quer ser o mais ético, possíveis nas nossas matérias”. Declara

Quanto à ética no jornalismo policial, Andressa acredita que ainda há muita injustiça. Principalmente porque o jornalista dessa editorial não escuta todos os lados, segundo ela, isso é um defeito gravíssimo.

“Eu já vi repórter na porta de delegacia mandando pegar imagem do preso e nem sequer foi falar com ele. Isso é um defeito gravíssimo do jornalismo. Nós temos que falar com quem praticou o crime porque é dele quem vai sair. Se ele tiver mentindo ou não, nós não somos os juízes disse. Quem vai avaliar isso é a justiça, porque ele é inocente até ser julgado e condenado. O repórter policial ele não vai até o preso, ele se baseia apenas em uma única fonte que é a autoridade policial. O maior erro desse jornalismo é não conversar com todos os lados” Argumenta.

Para haver melhoras nessa área do jornalismo, o profissional deveria estudar, se especializar nessa área, procurar entender e diferenciar qual a função do policial militar, a função do policial civil, do policial do Corpo de Bombeiros, ir para as ruas, e principalmente, buscar a notícia e transmiti-la sem querer nada em troca, pois enquanto houver profissionais, se é que podemos chamá-los dessa forma, com esse pensamento, o jornalismo sempre seguirá com essa mancha negra em sua história.

Capítulo 6

Análise de Conteúdo de 05 vetês do programa Barra Pesada sobre crimes no Guará

6.1- O que é Análise de Conteúdo?

O que é Análise de Conteúdo? Pretendo utilizar os métodos da Análise de Conteúdo para tentar se chegar a uma conclusão sobre o que está sendo proposto e discutido neste trabalho, porém, antes de tudo é preciso esclarecer que a Análise de Conteúdo não é apenas um método ou técnica, mas *"um conjunto de técnicas de análise das comunicações"* (Bardin, 1977, p.31). Não se trata, pois, de um instrumento, mas *"de um leque de apetrechos"* ou, *"com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações"* (Bardin, 1977, p.31).

É necessário ressaltar que o uso da análise de conteúdo pode ser usado como pesquisa social, sendo aproveitado nas mais diversas áreas como, por exemplo, no campo das Ciências Humanas e Sociais, abrangendo onde pode-se abranger toda área da Comunicação Social, como por exemplo: Cinema, História em Quadrinhos, Jornalismo, Propaganda e Publicidade e Relações Públicas. A análise de conteúdo deve ser objetiva, tudo que for abordado tem que ser claro e possuir. Isso permitirá que pessoas à partir dos critérios indicados, possam fazer a mesma decomposição e operar da mesma forma. Tudo deve ser levado em conta, mesmo que quem esteja fazendo a pesquisa se depare no decurso da análise com dados que prejudiquem suas hipóteses. Esta exigência os proíbem de ignorar a existência dos mesmos. Abordar sempre e somente o que foi de verdade expresso, evitar suposições em função do que se diz ou do que se crê sobre as intenções ou objetivos dos emissores. E é claro, quantificar a pesquisa, que pode ser considerada uma das partes mais importantes da análise de conteúdo, pois é através dela que se dá peso a pesquisa, substituindo o que é apenas impressão por medidas precisas.

Após breve noção das regras da análise de Conteúdo é preciso definir o objeto de pesquisa, pois quanto maior for a precisão com que se define os objetos de pesquisa, mais a análise de conteúdo poderá ser utilizada como instrumento eficaz de trabalho. Após ter definido as finalidades da pesquisa, cria-se então o “corpus”, selecionando títulos que são o conjunto de

publicações que serão alvos da pesquisa. Seleciona-se também os exemplares dessas publicações que serão utilizados. E por fim selecionar o conteúdo disso, uma análise mais específica do conteúdo que será abordado, dentro da escolha dos exemplares.

Finalizada essas etapas, é preciso fazer a decomposição desse “corpus”. Deve-se levar em conta as palavras e os símbolos, os temas, personagens, as unidades de espaço, e observações, e por fim deve-se reagrupar algumas unidades ou categorias. Com isso, começamos a trabalhar com a análise de conteúdo.

O objetivo da AC é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, e suas significações explícitas ou ocultas. Com isso, é possível reduzir o volume amplo de informações em uma comunicação e algumas características particulares ou categorias conceituais. Além disso, trata-se de um recurso metodológico que se aplica à análise de discursos extremamente diversificados, baseados na categorização sistemática e objetiva do conteúdo manifesto no texto e na dedução de inferências. Em outras palavras, trata-se de uma "segunda leitura" centrada nos aspectos latentes da mensagem, ou seja, o potencial inédito em termos de sentido, o não-dito.

O uso de material jornalístico para fins de análise de conteúdo, foi introduzido pela primeira vez por Lasswell, nos Estados Unidos, na década de 1930. É necessário ressaltar que Lasswell fez um uso estritamente quantitativo do material de imprensa mencionado, com o objetivo de quantificar aspectos políticos no noticiário. Por isso, utilizou-se apenas de notícias políticas. Seu objetivo principal era avaliar a importância que determinados termos do campo político adquiriam nos jornais, tais como democracia, igualdade, liberdade, cidadania e outros. Por essa razão, muitos pesquisadores ainda hoje associam automaticamente o emprego de análise de conteúdo à técnicas quantitativas. Cabe esclarecer de que se trata de uma visão errônea e parcial da AC. É necessário entender que o método também evoluiu e aperfeiçoou-se, sobretudo em relação do seu emprego em outras áreas científicas, como a Psicologia Social, a Psicologia Clínica, a Antropologia, a Sociologia e a Ciência Política.

São vários os instrumentos considerados aplicáveis à pesquisa qualitativa, tais como o questionário, a entrevista, o estudo de caso, a análise psicológica, a análise sociológica, política, lingüística ou antropológica. A Análise de Conteúdo é mais um método entre tantos, que pode, inclusive ser utilizada como instrumento para a realização de um dos tipos de pesquisa mencionados.

O método de análise de conteúdo compreende uma série de procedimentos. De forma sintética, pode-se destacar que é o início de todo o trabalho de organização dos dados coletados. Tem como objetivo tornar operacionais as primeiras idéias, de maneira a "conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise" (Bardin, 1977, p.95). Compreende uma série de procedimentos, tal como a Pré-análise que consiste na organização preliminar de todo o material, destacando-se a definição de fontes, a escolha do tipo de amostra, a construção da amostra e a aplicação do pré-teste (quando for o caso).

Capítulo 06

6.2- Análise de conteúdo dos vetês selecionados

A aplicação da Análise de Conteúdo em um programa Televisivo

Jornalismo Policial: imparcialidade na Transmissão de notícias. Análise de Conteúdo do programa Barra Pesada

Análise de conteúdo do programa Barra Pesada, veiculado no período de novembro de 2004, março e abril de 2005. Para começar o estudo das matérias selecionadas, foram tomados quatro procedimentos inerentes à análise de conteúdo. Primeiramente foi feita a pré-análise, que consiste na organização preliminar de todo o material.

Para Laurence Bardin (1977, p.95), a pré-análise é a fase de organização propriamente dita. Corresponde a um período de intuições, que tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as idéias iniciais, conduzindo a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análises. A seguir, procede-se a escolha dos documentos, à formulação de hipóteses e a preparação do material pra análise, que no caso, trata-se da fita de vídeos com a gravação dos vetês selecionados.

O segundo passo foi a exploração do material que tem como objetivo administrar sistematicamente as decisões tomadas na pré-análise. Para Antônio Carlos Gil (1999 p.165): “A medida que as informações obtidas são confrontadas com as informações já existentes, pode-se chegar a amplas generalizações, o que torna a análise de conteúdo um dos mais importantes instrumentos para a análise das comunicações de massa”. Outro procedimento utilizado foi a tabulação, que consiste em agrupar e contar os casos que estão nas várias categorias de análise.

Como resultado desse último procedimento, apresentamos o quadro abaixo com a descrição dos vetês do programa Barra Pesada.

	Barra Pesada	
Dia	Retranca	Sinopse
11 de novembro	Operação Lobo guará	Nota: A ação da Polícia Civil prende quadrilha de traficantes de drogas
14 de novembro	Operação Lobo Guará	Matéria completa sobre a ação da Polícia civil onde quadrilha de traficantes foi presa.
11 de fevereiro	Duplo Homicídio no Guará	Nota: Encontrado corpo de casal próximo a linha do metrô
14 de fevereiro	Duplo Homicídio no Guará	Matéria completa sobre a morte do casal encontrado ontem próximo a linha do metrô.
14 de abril	Filha manda matar o pai	Polícia reúne os acusados da morte do funcionado do Banco do Brasil José Eduardo Barcelos Vasques.

O programa Barra Pesada é transmitido pelo canal 06, TV Brasília, de segunda a sexta feita, à partir de 01 da tarde até as 2 horas. O programa é ao vivo e é destinado a toda população de Brasília. Na abertura do programa, uma seleção de imagens feitas de policiais em ação, passam a idéia de movimento e até mesmo quem está assistindo pela primeira vez, já tem noção de que se trata de um programa policial. No fim da abertura, um policial está com uma metralhadora e atira. As balas atingem o quadro com o nome do programa. Com o quadro perfurado/ a vinheta com o nome do programa anuncia: Barra Pesada!

Geraldo Naves, o apresentador, fica ao centro do estúdio de gravações onde apresenta todas as matérias do programa. Após cada matéria, ele comenta individualmente cada uma.

Análise de Conteúdo

Nos vetês analisados, existe um compromisso com a “imparcialidade” e o chamado “bom jornalismo” dentro da transmissão do jornalismo policial. Porém, no programa de 11 de novembro, vários adjetivos foram utilizados para elogiar o trabalho da polícia Militar e Civil.

Geraldo Naves: “Olha aqui, vocês vão ver agora, é agora? Imagens da operação chamada pelos policiais civis de Operação Lobo Guará. Ao todo 16 pessoas presas por tráfico de drogas na cidade do Guará. Não tem como fugir! Em primeira mão, imagens exclusivas. Tráfico de drogas no Guará, a população reclamava, a Polícia Militar agiu, a Divisão de Operações Especiais fez um belíssimo trabalho, um belíssimo trabalho de investigação de investigação, vocês vão ver o trabalho que foi desenvolvido pela Polícia Civil”.

Geraldo Naves: “... é Guará! O povo denuncia e a Polícia chega junto!...”

No programa do dia 14 de novembro, Geraldo Naves apresenta a matéria completa da Operação Lobo Guará. O apresentador já começa o programa elogiando mais uma vez o trabalho dos policiais civis.

Geraldo Naves: “Olha só, eu comecei o programa dizendo que temos um negócio aqui, é um trabalho brilhante da Polícia Civil do Distrito Federal, brilhante da 4ª Delegacia do Guará. Quando a gente fala, doa a quem doer, pode ficar chateado, que eu vou mostrar mesmo, aqui traficante não merece cana não, merece surra, merece apanhar, táca, chicote, devia voltar o troco pra traficante, entendeu, apanhar mesmo e o viciado também.”

Geraldo Naves: “... mostra o doutor João Carlos. Trabalho brilhante da 4ª Delegacia de Polícia, ele falou que ia acabar com o tráfico de drogas no Guará e aos pouquinhos está conseguindo...”

Geraldo Naves: “... Adênia foi quem prendeu os traficantes, não mostra a imagem dela. Fala Adênia foi mesmo você?”

Adênia: “Sim, positivo”!

Geraldo Naves: “... a Adênia é uma grande investigadora e Agente de Polícia do Distrito Federal. Eu to até tentando contratar ela para o Barra Pesada, mas o Delegado não deixa.”

Geraldo Naves “... para o sucesso da operação foi imprescindível que a população representada pelo presidente comunitário de segurança, acreditasse no trabalho da polícia e denunciasse o tráfico de drogas...”

Geraldo Naves: “... Parabéns Delegado, parabéns Adênia e toda sua equipe”.

Em alguns momentos da apresentação, Geraldo Naves, tece comentários criticando os criminosos. Comentários em alguns momentos de pura indignação com os acusados. Porém Está sempre ressaltando o trabalho da polícia. Nessa operação, os policiais acompanharam a ação dos traficantes e filmaram cada passo dado por eles. Os bandidos agiam livremente nas ruas da QE 38 do Guará. Merla e maconha eram as drogas mais vendidas pelo grupo. Foram seis meses de investigação. Nessa mesma madrugada, os policiais colocaram em prática a operação Lobo Guará. Ao todo, cento e vinte agentes e oito delegados prenderam dezesseis traficantes. Eles foram detidos enquanto dormiam.

Nos programas dos dias 14 e 15 de fevereiro de 2005, Geraldo Naves recebe a notícia de que corpo de casal é encontrado morto no Guará, próximo a linha do metrô. Ele anuncia que no próximo programa a matéria será exibida completa e com imagens do casal. Quanto à onda de violência no local o apresentador comenta:

Geraldo Naves: Por falar em Guará, que é considerada uma das cidades mais tranquilas do Distrito Federal a onda de violência já está preocupando os moradores. Só esse ano a 4ª Delegacia de Polícia, registrou dois latrocínios e dois homicídios, nós estamos em fevereiro.

Após esse comentário, o apresentador repassa a informação do delegado titular da 4ª DP João Carlos Lóssio Filho, que afirmou que todos esses crimes já foram esclarecidos.

Geraldo Naves: *“De acordo com o delegado João Carlos Lóssio Filhos, todos os crimes que aconteceram no Guará foram resolvidos.*

Os corpos do casal foram encontrados ao lado do carro de Fábio, por volta das sete da manhã, em uma estrada de terra que liga o Guará I ao Setor de Oficinas Sul. Narrinan Gomes Lucena, de 21 anos, e Fábio Lúcio Saraiva Gonçalves Santos, de 27, estavam abraçados. Cada um levou um tiro na cabeça. Narrinan e Fábio foram vistos pela última vez embaixo do prédio onde ela morava, na QE 40 do Guará II. Por volta de uma da madrugada, os dois chegaram de carro quando foram surpreendidos por trs homens armados. Fábio foi agredido. Segundo familiares, Narrinan era cliente da locadora de Fábio e os dois começaram a sair juntos a algumas semanas. A polícia ainda não sabe se foi assassinato ou roubo seguido de morte. O comandante do Batalhão da PM do Guará, acredita que houve homicídio, mas não atribui o crime a falta de segurança na cidade. O assassinato dos dois jovens preocupa os moradores da cidade. O Guará, que já foi considerado um dos lugares do DF mais tranquilos para morar, sofre com a falta de segurança. O caso está sendo investigado pela 4 Delegacia de polícia do Guará

Nesse último vet, do dia 14 de abril de 2005, o apresentador comenta que os policiais civis colocaram frente a frente todos os acusados pela morte do funcionário do Banco do Brasil, José Eduardo Barcelos Vasques, 46 anos. O funcionário recebia ameaças de morte há mais de três meses. A filha dele, Daniele de Almeida Barcelos Vasques, 20 anos, foi presa por ser suspeita de ser a mandante do crime. Ela confessou a polícia que queria dar um susto no pai. O crime foi por volta das 21h30 da noite de domingo. De acordo com a polícia, José Eduardo estava em uma casa na QE 42 do Guará, quando um homem invadiu a residência e deu dois tiros nele, um na cabeça e outro no peito. E mais uma vez, o apresentador termina a matéria falando que o caso está sendo investigado pela 4 Delegacia de Polícia do Guará.

CONCLUSÃO

Ao final dessa análise podemos perceber que o programa Barra Pesada tem suas funções jornalísticas sim. Até certo ponto ele consegue se manter imparcial na transmissão de notícias na medida em que ele procura esclarecer o que houve em determinada área, culpados, fala sobre o crime, quem entrevistou na ação dos bandidos e quem foi responsável pela prisão. Porém, o programa peca no excesso de elogios que o apresentador faz aos policiais quando estes desenvolvem alguma operação especial, terminam uma investigação ou desvendam algum crime. Imagens de violência poderiam ser evitadas, comentários superficiais e o “terrorismo” por parte do apresentador. Esse exagero faz com que o telespectador duvide da credibilidade do programa. Porque a partir do momento, em que o público só vê elogios a determinadas corporações com certeza ficarão descrentes, pelo fato outros meios de comunicação falarem justamente o contrário.

Quanto à questão da ética no jornalismo, o Barra Pesada consegue adotar essa postura na medida em que dão oportunidade de todos os envolvidos prestarem informações e se defenderem. Em todo caso, é necessário evitar imagens de apelo sensacionalista para prender a audiência do telespectador.

Como havia dito na introdução de trabalho, a televisão por se tratar de um veículo de comunicação de massa, deve sempre enfatizar a notícia, buscando a melhor forma de transmiti-la ao grande público. Tudo o que é apresentado, deveria passar por um padrão de qualidade onde a ética jornalística seria fielmente respeitada e com isso os resultados só dariam credibilidade a determinados programas e as próprias emissoras.

A análise aqui realizada não é exaustiva, nem completa. Além disso, pode ser considerada otimista, pois haverá sempre possibilidade de melhorias no jornalismo. A proposta do trabalho era exatamente demonstrar que nem tudo no universo do jornalismo policial pode ser depreciado ou ser considerado sensacionalismo. Entretanto, tenho consciência de que ainda há muito a ser feito tanto no plano da própria programação televisiva em si, como no que se refere a esse campo de pesquisa. O que apresentei aqui, é apenas uma modesta contribuição para este segmento do jornalismo. Porém, o tema ainda está em aberto, e tudo o que foi apresentado pode ser refeito ou debatido novamente. Não há nada que se apresente como verdade incontestável.

BIBLIOGRAFIA

- ADORNO, Theodor W. e HORKHEIMER, Max. *Indústria cultural: O esclarecimento como mistificação das massas. Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- GOLDENBERG, Mirian. *A arte de pesquisar*. Rio de Janeiro, Record 2002.
- LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 1982.
- PEDROSA, Rosa Maria. *Elementos para uma teoria do jornalismo sensacionalista*. Rio de Janeiro, 1999.
- ORLANDI, Eni. *Análise de discurso. Princípios e procedimentos*. Campinas, SP, 2002.
- WOLF, Mário. *Teorias da comunicação*. Editorial Presença.
- DA SILVA, Luíza Martins. Capítulo de livro. *As teorias da comunicação no século XX- três pólos irradiadores (Chicago, Frankfurt e Birmingham) e uma dezena de caminhos*.
- Revista, Universitas//comunicação. Uniceub, nº 01, volume 01. Novembro de 2003.
- SODRÉ, Muniz. *A comunicação do grotesco*. Editora vozes LTDA. Rio de Janeiro. 2ª edição. 1972
- CURADO, Olga. *A notícia na tv. o dia a dia e quem faz telejornalismo*. São Paulo. Alegro 2002
- BARCELLOS, Caco. *Abusado (O Dono do Morro Dona Marta)*. Rio de Janeiro, Record 2003.
- PEREIRA, Carlos Alberto Messeder. *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro, Rocco, 2000.
- STONE, Philip J. *Análise de Conteúdo da Mensagem*. In Cohn, Gabriel (org).
- STONE, Philip J. *Comunicação e Indústria Cultural*. São Paulo: nacional, 1971.
- KOVACH, Bill e ROSENSTIEL, Tom. *Os elementos do jornalismo. O que os jornalistas devem saber e o público exigir*. 1ª edição-março de 2003.

- Erbolato, Mário L.. *Técnicas de codificação em jornalismo. Redação captação e edição no jornal diário*. 5ª edição-2002. Editora Ática.
- ROSSI, Clóvis. *O que é jornalismo?* Editora brasiliense. 3ª reimpressão-2000
- Manual de Redação. *Agência Senado e Jornal do Senado*. Ano 2003
- BONASIO, Valter. *Televisão. Manual de produção e direção*. Editora leitura, 2002.
- KLIENTZ, Albert. *Comunicação de massa. Análise de Conteúdo*. Editor Eldorado-1973
- ANGRIMANI, Danilo. *Espreme que sai sangue*. Summus editorial, 1995.
- BARDIN, laurence. *Análise de conteúdo* 1977. Edições 70
- SODRÉ, Muniz. *Sociedade, mídia e violência*. Editora sulina. maio-2002
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Editora Atlas, 1999.

SUMÁRIO

Folha de aprovação.....	II
Dedicatória.....	III
Agradecimentos.....	IV
Resumo.....	V
Sumário.....	VI
Capítulo 1- Disposições Gerais do Trabalho.....	01
Capítulo 2- Jornalismo policial.....	03
2.1- Visão de profissionais em relação ao jornalismo policial.....	05
2.1.1- Visão de um jornalista político.....	05
2.1.2- Visão de um ex-policial civil e que hoje é jornalista.....	06
2.2- A banalização da Violência.....	07
2.3- 3 Casos que marcaram o jornalismo investigativo.....	10
Capítulo 3- O Chamado “Bom Jornalismo”	14
Capítulo 4- Histórico da região administrativa número X – Guará.....	18
4.1- Opinião da Polícia Militar do Guará.....	20
4.2- Opinião da Polícia Civil do Guará.....	20
4.3- Opinião de dois moradores.....	21
Capítulo 5- Programa Barra Pesada.....	23
5.1- Visão da produtora do programa sobre ética e desempenho do jornalismo policial.....	25

Capítulo 6- Análise de Conteúdo de 5 vetês do programa Barra Pesada sobre crimes no Guará.....	26
6.1- O que é Análise de Conteúdo?.....	26
6.2- Análise de conteúdo dos vetês selecionados.....	29
Conclusão.....	34
Bibliografia.....	35